

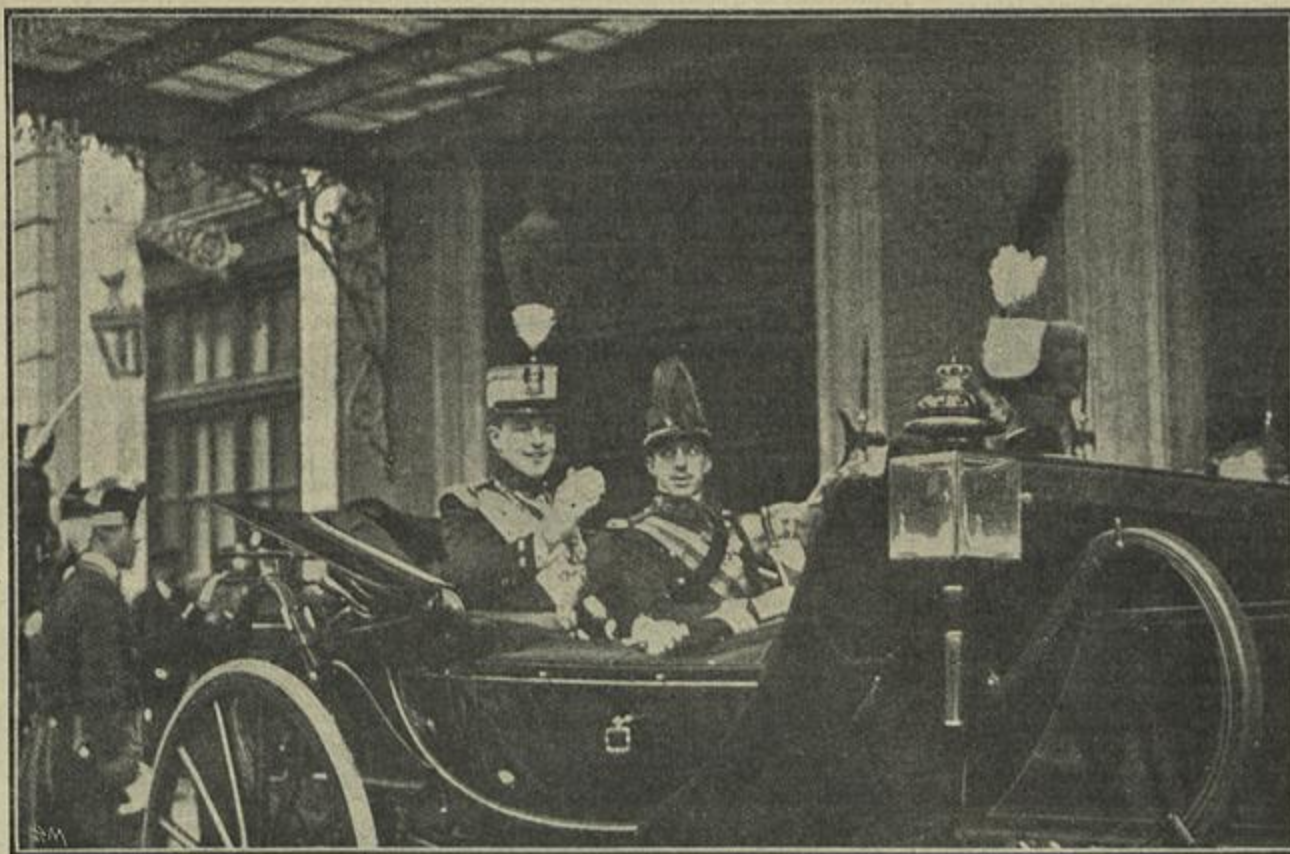
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1112	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	<b>20 de Novembro de 1909</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	\$-	\$-		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$-	\$-		

## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao Estrangeiro



CHEGADA A MADRID—SUAS Magestades EL-REI D. MANUEL II E AFFONSO XIII, SAHINDO DA ESTAÇÃO DO NORTE

### CHRONICA OCCIDENTAL

Dizem os jornaes que no Baixo Alemtejo, com o principio dos rigores do inverno, se está iniciando já um terrivel anno de fome. A' baixa dos salarios corresponde o augmento do custo das subsistencias, e não ha remedio que prontamente se dê ás consequencias nefastas d'uma tal situação. Legiões de trabalhadores ruraes percorrem a provincia de um a outro extremo pedindo por esmola que lhes dêem que fazer, e por toda a parte lhes respondem com aquelle maldito *não*, que o Padre Antonio Vieira dizia ser a peor de todas as palavras.

Muita gente ainda hoje pretende que Portugal é um paiz essencialmente agricola, mas isto não é opinião que em boa razão se perfilhe. Essencialmente agricolas foram todos os povos no seu inicio. Uns porém mais avisados que outros, souberam sem prejuizo da agricultura desviar-se para diferentes ramos industriaes. Portugal possui condições geograficas, um vasto territorio colonial, um sub solo riquissimo, factores que lhe permitem vir a ser um paiz industrial por excellencia.

A insistencia no erio agricola é que está sendo causa principalissima da desgraça do nosso homem dos campos. Os poucos que falam na necessidade do nosso desenvolvimento industrial, quasi se pôde dizer que não falam nisso a sério.

Existe em Portugal uma coisa a que se chama nos relatorios officiaes ensino industrial, mas a verdade é que de tal coisa, embora existente ha vinte annos, não se vê generalisar resultados apreciaveis. Ora este evidente fracasso do ensino profissional provém, como ainda ha pouco dizia um notavel entendido, de duas causas egualmente importantes: o quasi analfabetismo das classes productoras e portanto inaptas para receber um ensino que deveria ser apenas complemento de instrução anterior, e erros fundamentaes na organização de tal ensino, em detrimento das necessidades mais urgentemente reclamadas pela industria.

Portugal abunda em homens de grande talento, e isto a ponto de ser corrente o dizer-se que homens de grande talento é o que menos nos falta. Mas isto não nos basta, nem basta a nenhuma nação. O que justamente caracteriza algumas pequenas nações, algumas até bem mais pequenas que a nossa, como a Suissa, por exemplo, é que, não fazendo alarde dos seus grandes talentos, se impõe ao respeito mundial pelo seu ho-

nesto labor, por seriedade e ponderação em todas as expressões da sua vida publica e modo de ser da sua sociedade, tendo por base uma solida instrução e uma educação modelar.

Impõe se um paiz que tem principalmente por base a educação popular; mas não basta, como no nosso caso, resolver o soberano problema do analfabetismo, urge reformar radicalmente todos os graus do ensino, desde o elementar até ao universitario e politechnico, numa orientação menos caseira, de modo a tornar aptas as gerações futuras a procurarem vida e experimentarem seu valor, em qualquer ponto do globo.

De todos os graus do ensino, porém, nenhum poderá influir tão eficazmente na transformação economica e portanto social do meio, como o ensino profissional, comprehendido em todos os seus graus, desde a escola nocturna do operario até aos institutos politechnicos.

Os homens assim formados, preparados para ganhar a vida em qualquer parte do mundo, poderão depois olhar com desprezo para aquelles que fazem consistir hoje a sua maior felicidade na aquisição de um emprego publico.

A situação deploravel da industria portugueza não se faz sentir ainda em toda a sua latitude, devido exclusivamente a um regimen pautal quasi prohibitivo; mas ha de sentir-se fatalmente quando



Portugal se vir na necessidade forçosa de modificar esse regimen vigente para acudir a valer á crise da viticultura. As escolas industriaes, com a sua actual fisionomia inexpressiva, collocadas ou não em centros industriaes, em vez de educarem os operarios, vão transformando o gosto do publico e cavando assim mais fundo um abismo entre o consumidor e o productor. O consumidor chegará a preferir invariavelmente os artigos importados do estrangeiro por os supôr mais perfeitos, mais elegantes, mais solidos, mais artisticos.

Dispendendo durante vinte annos avultadas sommas improficuamente em ensino que o operariado português não está em condições de receber, temos commetido um grande erro. É preciso crear mestres e contra-mestres que, com os conhecimentos necessarios, possam com brevidade substituir os professores estrangeiros nas nossas escolas industriaes. Assim como estão, — dizem no alguns dos seus proprios professores — ellas não aproveitam nem aos operarios, porque estes precisam, antes do desenho, de uma cultura geral que ellas não lhe pôdem dar, e que por outro lado o estado nega a esses desprotegidos da fortuna, não creando com profusão escolas nocturnas de primeiras letras para adultos; nem mesmo aos industriaes, pois estes, quando têm o bom-senso de quererem investir os seus filhos na direcção dos seus estabelecimentos fabris, vêem-se na necessidade de os mandar educar no estrangeiro. As escolas portuguesas de nada lhes servem, e isto é o que todos os dias estamos vendo.

Repetidas são as queixas que provoca o nosso ensino industrial. Temos escolas, temos institutos; no entanto as fabricas portuguesas vêem-se obrigadas a preparar e ensinar todo o seu pessoal. Pôde-se afirmar que o desenvolvimento das nossas industriaes não tem servido só para fomentar a riqueza do país: elle serviu e serve para a criação de um pessoal fabril constituído por individuos, vindos dos campos, sem trabalho ou lançados ao abandono.

Pela falta de interesse com que o Estado a encara, essa pobre gente teria hoje de esmolar, impossibilitada de ganhar a sua vida, como ha dois annos acontece á população do Douro, se a nossa industria, resistindo a persistentes contrariedades, a não tomasse a seu cargo, instruindo-a e sustentando-a.

A enorme percentagem com que Portugal contribue annualmente para a emigração que dos diversos países da Europa se dirige para outros continentes, é a prova mais frisante das difficuldades que ericam a vida das nossas populações ruraes.

Não é o excesso da natalidade que se observa no país, e que apenas atinge trinta e quatro por milhar, nem a consequente elevação da densidade da população portugueza a causa determinante da enorme corrente de emigração que se observa entre nós; mas antes se deve procurar essa causa no desequilibrio resultante da sobrepopulação de algumas das nossas regiões, onde a emigração mais se acentua, e os minguados recursos que essas regiões oferecem ao excesso da sua população, que em tão avultadas parcelas vae pedir ao Brazil os meios de que carece para a satisfação natural das suas necessidades economicas. A corrente da nossa emigração que, longe de diminuir, se tem mantido nestes ultimos annos com pequenas oscillações, é o symptoma mais evidente da incessante falta de recursos que o povo encontra no país que abandona.

Malaventurados aquelles que só na expatriação pôdem buscar o pão para a bôca e o consolo para a alma!

JOÃO PRUDENCIO.

## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao estrangeiro

Conforme nossos leitores terão lido na cronica do ultimo numero, El-Rei D. Manuel segue sua viagem pelo estrangeiro, principiando pela visita em Madrid ao Rei Affonso XIII, onde chegou no dia 8 do corrente.

El-Rei deu entrada na estação do norte á hora marcada do comboio, 11 e dez minutos da manhã, e ali era aguardado pelo rei Affonso com todo o elemento official, encontrando se a estação vistosamente decorada de bandeiras, trofeus e flôres, formando ala os alabardeiros, por entre a qual deviam passar as pessoas reaes e suas comi-

tivas. Fóra da estação fazia a guarda de honra uma força do regimento de Castella de que o sr. D. Manuel é coronel honorario.

Quando o monarca português se apeiou do comboio, foi recebido pelo rei Affonso, beijando-se e apertando efusivamente as mãos. Feitas as apresentações, seguiu o cortejo em carruagens, dirigindo-se para o palacio do Oriente, atravez das ruas de Madrid, onde as tropas da guarnição faziam alas á passagem dos soberanos.

O cortejo apresentava um bello aspeto pelo numero de carruagens em que seguiam o ministério, comitivas reaes, etc., acompanhado pelo esquadrão da escolta real, com seus lusidos uniformes.

Chegando ao palacio real, onde, na praça do Oriente formava o regimento das Asturias, entraram os monarcas, sendo recebidos ao fundo da escada pelos grandes de Espanha, e subida esta, aguardava-os, no segundo patamar, denominado dos Leões, as rainhas, as infantas e damas da côrte.

El-Rei D. Manuel, depois de beijar a mão das rainhas e damas, deu o braço á rainha Vitoria com a qual seguiu para a sala da recepção, onde foram feitas as apresentações do estilo.

Á sr. condessa de Paris, avó materna de El-Rei D. Manuel, estava no alto da escada, guardando rigoroso incognito, e d'ali assistiu á entrada de todo o cortejo.

Fóra, na praça do Oriente, começava o desfile das tropas, e os monarcas com toda a côrte diriram-se para as janellas do palacio e ali receberam a continencia militar. As forças militares compunham-se de tres brigadas: as dos generaes Mauro, Audino e Talaucó, com as respetivas bandadas regimentaes, tocando a marcha *Los Voluntarios*, o que animava extraordinariamente o espectáculo marcial, apesar do ceu, encoberto, principiar a desprender das alturas alguma chuva.

Não obstante esta impertinencia do tempo, o povo que estacionava na praça principiou de levantar vivas a El-Rei D. Manuel, vivas que se repetiram com entusiasmo, de modo que o soberano, por seis vezes, veio á janella agradecer.

Naquelle dia, visitou o sr. D. Manuel, em companhia do rei Affonso, o museu de pintura, que é das coisas mais belas que ha para ver em Madrid, um precioso tesouro de arte, enserrando os quadros de Velasquez, de Breda, de Goya. Rafael, Murillo, André Sarto, Montegno, Veronez, Ticiano, os grandes mestres, e que muito prenderam a atenção do rei português ante essas obras primas e unicas da pintura.



O MUSEU DE PINTURA, VISITADO POR EL-REI D. MANUEL

Á noite, foi o banquete real com a côrte, ministério, generaes e altos funcionarios do Estado, revestindo toda a riqueza e aparato da grande côrte de Espanha. Afetuosos brindes trocaram, neste jantar, os dois monarcas, assegurando a cordealidade de relações e amizade entre os dois países.

No dia seguinte, foi o banquete na legação portugueza, oferecido a El-Rei D. Manuel II e D. Affonso XIII. Os salões apresentavam lindo aspeto, decorados com muito gosto, em que as flôres tomavam boa parte e a iluminação fazia brilhar as belas tapeçarias flamengas que revistiam as paredes.

O nosso ministro em Madrid, sr. conde de Tovar, preparou recepção condigna aos monarcas.

Depois do banquete houve uma visita á Arma-

ria Real, uma das melhores que se contam na Europa.

Á noite foi o jantar no palacio da infanta D. Isabel, um jantar intimo para a familia real, seguindo se um sarau, a que assistiram as comitivas reaes e altos funcionarios da côrte. Neste sarau entraram os artistas Dias de Mendoza e Maria Guerrero, que desempenharam *El susto de la Condesa*, Maria Guerrero recitou o monologo *Canto de la serena*. O sarau terminou pela leitura de uns versos dedicados ao monarca português, por Marquina.

O dia de quarta-feira, 10, foi destinado a uma caçada real, na Casa de Campo, e á noite houve concerto no palacio do Oriente, em honra de S. M. El-Rei D. Manuel.

No dia 11 foi a visita a Toledo. Nesta visita, o sr. D. Manuel pôde examinar os trabalhos da celebre fabrica de armas, assim como teve occasião de ver os exercicios do batalhão de alumnos, o qual evolucionou sob o comando do rei Affonso, o que muito agradou ao monarca português. Visitou tambem a bella catedral onde El-Rei foi recebido pelo rev.º arcebispo e todo o cabido.

Na sexta feira de manhã, antes do almoço, realisou-se a visita ao Escorial e, no regresso, teve logar no palacio real, na parte chamada aposentos do Duque de Genova, o almoço oferecido pelo sr. D. Manuel aos officiaes do regimento de Castella, de que é coronel honorario. A este almoço assistiu tambem o rei Affonso. No fim, ao *champagne*, El-Rei D. Manuel fez um brinde em português, que foi correspondido pelo rei de Espanha, o qual terminou por levantar um viva ao rei de Portugal.

El-Rei D. Manuel distribuiu muitas condecorações, como é costume, assim como presenteou as rainhas Vitoria com uma linda joia portugueza de ouro, representando uma caravela com suas velas cravejadas de brilhantes e a cruz de Cristo de rubins; e Cristina com um leque de renda de Peniche, obra de D. Maria Augusta Borballo Pinheiro, com varetas de tartaruga esmaltada com o escudo de armas da rainha mãe e o monograma do oferente. Ao rei Affonso, uma cigarreira de ouro com monograma de brilhantes.

O rei Affonso presenteou o sr. D. Manuel com o cavallo em que este montou durante a revista militar.

Á noite devia El-Rei D. Manuel deixar Madrid e seguir sua viagem. As despedidas foram afetuossimas e observou se o mesmo ceremonial para a partida que houve para a chegada, na estação do Norte. Sua Magestade não se retirou

sem deixar 5:000 pesetas para os pobres de Madrid.

Seguindo o comboio para Hendaya, ali era aguardado o soberano português por um ajudante de campo do presidente Fallières que, em nome do governo lhe deu as boas vindas, comparecendo as autoridades locais e fazendo a guarda de honra um regimento francês.

No domingo, 14, chegou Sua Magestade a Cherburgo, depois de ter atravessado a França, e onde o esperava uma recepção official que o governo francês lhe fazia com todas as honras militares de terra e mar.

Foi imponente essa recepção entre o troar das salvas e toque das bandadas regimentaes que executavam o himno português.

Em Cherburgo embarcou El-Rei no *Victoria and Albert*, posto ás suas ordens pelo rei Eduar-



do, e onde foi recebido pelo comodoro Vosman Palmer e o almirante da divisão inglesa que aguardava o rei de Portugal para comboiar o *Victoria and Albert* a Portsmouth, onde chegou no dia 15 de manhã.

A viagem correu bem, apesar de haver nevoeiro, tendo uma esquadilha inglesa, sob o comando do almirante May, ido ao encontro do *Victoria and Albert*, a qual deu as salvas reaes e embandeirou em arco.

Logo que o *yatch* chegou, foi a bordo o príncipe de Galles das boas vindas ao monarca português em nome do rei de Inglaterra. No desembarque, foram-lhe prestadas todas as honras reaes, estando no caes o sr. Camara Manuel, conselheiro da legação portuguesa, em Londres, o sr. Almeida Carvalho, almirante Funschawe, e uma guarda de honra de marinha com a respetiva banda que tocou o himno português.

O *mayor* de Portsmouth, leu a El-Rei uma mensagem de boas vindas, a que o sr. D. Manuel respondeu, sendo-lhe depois apresentado um documento curioso, que a municipalidade de Portsmouth guarda, e é o registro de casamento da infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II, o qual tem a data de 1662.

Pouco depois do desembarque, El-Rei com sua comitiva tomou logar no comboio que o conduziu a Windsor, onde seguiremos a sua visita no proximo numero, com respetivas illustrações.



## O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

(Mais um trecho da «Ode Triumphal» á Rainha D. Amelia, declamada no salão do Gremio Litterario, para inauguração solemne, em 14 de outubro de 1909)

### O TROPHEU DE XADREZ

Se um duque de *Orliens*, mui ledo,  
Achilleas lanças quebrou  
Nos torneios que em Toledo  
Dom Rodrigo celebrou:  
Se alli viu desfeita a pena  
Da duqueza de Lorena:  
Paquifes, elmo, valor,  
Mais altos estais mostrando  
Que Bayard, Arthur, Rollando,  
E que o Cid — El Campeador!

### A RAINHA DAS TÁGIDES

Os cavalleiros andantes  
Na selva dos ideaes  
Não morreram com Cervantes  
Pelo tom d'esses coraes.  
Do Jogo Real os Daimios  
E Naires tem grandes brios  
E servem de muito pro!;  
Com braçoes, cotas de malhas  
Justam em sevas batalhas  
Do Raciocinio crysol.

Depositaria das Lizes  
Consagro á luz grande amor.  
Quem sois, porém? que paizes  
Affiançam vosso primor?  
Da Suprema Omnipotencia  
Sei que é filha a Intelligencia  
Que o Polo Norte domou,  
Que telegrápha sem fios,  
Vence, em balões, mares, rios,  
E á Morte matar jurou.

### O TROPHEU DE XADREZ

Sou o facho da Verdade!  
Sou o arauto da Razão,  
Amiga da Humanidade,  
Grande Iris de Redempção!  
Do cérebro alma centelha,  
Que ao Eterno o Homem semelha!  
Vera faisca dos Ceus!  
Enlevo sou da Virtude!  
Da Omnipotencia alaude!  
Lidima Graça de Deus!

Sou o filho da *Maquette*  
Desse Tropheu de Xadrez  
Luso-Britão, que submete,  
Neste Mundo, o rijo arnez  
Da *Ração Pura* aos dominios,  
Da Hibernia herdei, dos Herminios,

O valor que triumphou  
Do Romano intemerato,  
Té que a Sertorio, a Viriato,  
Bastões a traição quebrou.

### A RAINHA DAS TÁGIDES

Desta estancia portugueza  
Amante, como sabeis,  
Mui me praz tanta altiveza.  
Mas... porque me não dizeis  
Vossa historia? Tenra infancia  
Engeita bronzea arrogancia...  
Tivestes outro existir?  
Não é mysterio o passado,  
Quasi sempre reservado  
Ao nebuloso porvir.

### O TROPHEU DE XADREZ

A philosophia ordena:  
«*Conhece-te, homem mortal!*»  
Analysa, pois, sem pena,  
A *Maquette* original.  
São a Sciencia e a Natureza  
Guias certos de belleza  
E fontes de perfeição.  
Por quem me fez artefacto  
Não me inspira animo ingrato,  
Antes grande admiração.

Quando, em extasis, o artista  
Plano sublime esboçou  
Pôz tão alto de alma a crista  
Que nunca, talvez, logrou  
Produzir são, escorreito,  
Logo um modelo perfeito,  
Tal da plastica o condão!  
Se não erra a theoria,  
E' o da Musica, Poesia,  
Pintura e Declamação.

Sem acicates e adaga...  
Livre censura notou.  
Meu bronze já não propaga  
Os pontos em que se errou.  
Hoje a adarga bem embraço.  
Qual no Terreiro do Paço  
Loro da sella ia mal?  
Tinha ainda outros defeitos?  
Por dar á critica preitos  
A Arte quanto mais val!

Afeava-me a cervilheira.  
O acobertado corseel,  
Além de avara testeira,  
Não fazia bom papel  
Com cilha pouco adiante,  
E cauda menos ondeante.  
Não pendia a espada ao chão...  
Mas meu modelo acabado  
Ficou logo libertado  
De qualquer leve senão.

Se a lança em coxa não prima,  
Se as manoplas toscas são,  
Que de mim não fuja a estima,  
Nem do apagado guião;  
Por que um alto sentimento  
Inspirou o monumento,  
Bella Tágide! Vereis,  
Se, polo intento ser puro,  
Pantheon alto e seguro  
Hoje mereço me deis.

### A RAINHA DAS TÁGIDES

Carece de mór clareza  
Vossa guerreira tenção.  
No escudo não vejo empreza:  
Porém no excelso guião...  
Que sublimada escriptura  
Lá das Sylphides fulgura,  
E Valkyrias no arrebol?  
A todos não é patente  
Que é filha a luz do Occidente  
Da Madrugada e do Sol?

### O TROPHEU DE XADREZ

Ora das palavras minhas  
Sobre o estandarte, ante Vós,  
Que sois a flôr das Rainhas,  
Vou solver esphynges nós.  
Se é verdade peremptoria  
Ser mestra da Vida a historia,  
A do Imperio Oriental  
Portuguez — vasto e profundo —

E' a Mestra Maior do Mundo,  
Porque não houve outra igual.

Não ha nada mais instavel  
Que o mappa das ambições.  
Vêde a pujança admirável  
Dos Allemães e Britões!  
Outroza a foz do Tamisa  
Na do Tejo bem divisa  
Superior população;  
Mas Londres prosperou tanto  
Que mais almas tem (oh espanto!)  
Que esta Occidental nação!

ALFREDO ANSÚR.



## Um aguarellista militar francez que se occupa da guerra peninsular

As minhas investigações e estudos sobre uniformes puzeram-me em contacto com um muito apreciavel artista francez, residente em Bayonna, Mr. E. Fort, o qual se dedica especialmente tambem á aguarella.

Official do exercito francez, retirado do serviço por falta de saude, é ainda o estudo d'assumptos militares que o faz viver entre soldados, e, occupando-se das campanhas imperiaes, muito particularmente da guerra da peninsula, bastantes episodios da qual tiveram Bayonna por teatro, consegue distrair os enfados do presente por entre as acções heroicas do passado.

Na primeira carta que de Mr. Fort recebi, dizia-me este distincto artista:

«J'ai l'honneur de me presenter sous les auspices de Son Altesse Royale Jean d'Orleans et sous celle de monsieur le commandant Boppe.

Je suis artiste peintre et exclusivement je consacre mon faible talent au type militaire. Et une époque m'est particulièrement agréable à traiter c'est celle du 1.<sup>er</sup> Empire et en particulier encore la campagne d'Espagne de 1808 à 1814; d'ailleurs je suis ici dans un petit coin où des événements importants ont eu lieu et les souvenirs de l'invasion anglo-portugaise sont parmi nos populations très vivaces et ne semblent dater que d'hier!

J'ai entrepris la reconstitution de petites scènes ayant pour décor nos villages des Pyrénées et connue date 1813-1814 y compris le blocus de Bayonne.

Je suis fort embarrassé pour l'armée portugaise qui s'est pourtant vaillamment battue sous les murs de Bayonne, et son uniforme malgré mes recherches m'est inconnu, du mois quant à celui de l'infanterie et des chasseurs à pied.

Ces derniers surtout que je crois habillés en couleur manon se son battus avec férocité contre nos soldats et il me serait si agréable et il nécessaire de connaitre en détaille leur uniforme.»

Desde então varias vezes temos trocado estudos a aguarella, que me tem permittido apreciar não só o valor artistico de Mr. E. Fort, mas muito particularmente o escrupulo com que respeita o documento, dando minuciosa e fielmente a copia de qualquer uniforme que restaura ou reproduz.

E' naturalmente tambem um incansavel e apaixonado colleccionador de estampas e figurinos que representem soldados e factos das campanhas imperiaes, quer francezas, quer das nações aliadas e inimigas de Napoleão, possuindo sobre estes assumptos um manancial inexgotavel.

Ha pouco o secretario de Rostand referindo-se a uma aguarella de E. Fort exposta em Bayonna e relativa á residencia que Napoleão, em 1808, fez n'aquella cidade, dizia n'um pequeno artigo:

«No parque frondoso de Marrac o imperador cercado por alguns officiaes, fez avançar o capitão d'Aleman, commandante da guarda d'honra de Bayonna. Parece cumprimental-o pelo bom aspecto da sua companhia, formada em linha em frente da escada que o imperador vae subir.

A *mise en scene* está perfeita de gosto e de exactidão.

Napoleão é ainda o Napoleão entusiasta de 1808.

O artista procurou reconstituir o capitão d'Aleman o mais verdadeiramente possivel nas feições, uniforme e gesto.

Quanto á guarda d'honra, Mr. Fort evitou dar-lhe a attitude empertigada d'uma velha tropa.

Estes bonitos soldados, com as brilhantes côres



da cidade, vermelho e verde, não eram soldados no verdadeiro sentido da palavra. Os numerosos leitores dos estudos napoleonicos de Mr. Ducéré sabem que a guarda d'honra bayonnesa era composta de jovens voluntarios, ricos, vestindo-se á sua custa, e encarregados apenas do serviço d'honra de Marrac.

Em volta do imperador enfileira-se um grupo composto d'um general de brigada, d'officiaes superiores de cavallaria ligeira polaca, d'infanteria da guarda de linha. Ao fundo um official de dragões da guarda e diversos ajudantes de campo. O official em verde, á esquerda do general é um official ás ordens do imperador.

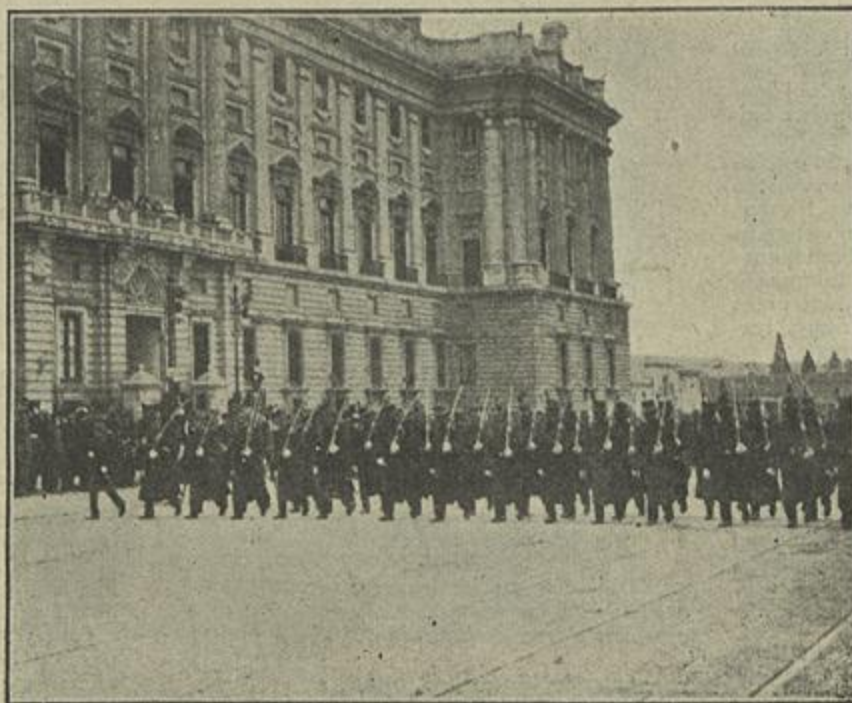
Não podemos mais demorar-nos sobre o valor documental do quadro.

Ha muito tempo que o seu auctor se occupa com grande exito de tudo quanto se prende com a historia dos nossos soldados. A sua collecção de typos militares não consta de menos de cinco mil desenhos e aguarellas.

Em semelhante mina é facil encontrar o documento e advinha-se o que elles pôdem tornar-se nas mãos de tão habil artista.

Actualmente em plena celebração do centenario da guerra peninsular, deviam os nossos artistas consagrar um pouco do seu trabalho á rememoração de tantos bellos feitos d'essa epoca, em que alliados aos inglezes e hespanhoes nos vimos tanta vez em frente dos mais soberbos soldados da Europa.

## Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



AS TROPAS DESFILANDO DEANTE DO PALACIO DO ORIENTE, EM CONTINENCIA A SUAS MAGESTADES

Os estudos de Mr. E. Fort sobre os uniformes das tropas que batalharam na península, pôdem ser um auxiliar poderoso dos que quizerem occupar se de tão bello e patriotico assumpto.

RIBEIRO ARTHUR.

## Inauguração do Liceu «Camões»

O successivo aumento da população escolar em Lisboa, desde estes ultimos cinco ou seis annos, principalmente, reclamava um desdobramento de aulas e classes, que não era possível acomodar em um só edificio, nem convinha acumular tão grande numero de estudantes, com prejuizo da disciplina, de difficilissima observancia, e ainda mais da hygiene.

Entretanto por muito o publico e os professores reclamavam immediatas providencias, que, infelizmente, não eram atendidas pelos governos, em consequencia da falta de recursos do tesouro e tambem da falta de iniciativa.

Era, porém, impossível as coisas continuarem como estavam, até que, em 1907, sendo presidente do conselho e ministro do reino o sr. conselheiro João Franco, este resolveu que se construíssem tres liceus em Lisboa, principiando por mandar concluir o liceu na cerca do convento de Jesus, cujas obras estavam paradas ha mais de dez annos, e adquirir terrenos no sitio da Estrela e da Cruz do Taboado para a construção de mais dois.

O primeiro que se concluiu é o da Cruz do Taboado, a que se deu o nome de liceu Camões, cujas aulas foram inauguradas no dia 8 do corrente.

E' uma construção ligeira, feita de empreitada, mas que reúne todas as condições exigidas pela moderna pedagogia, podendo egualar-se aos me-



1. S. M. El-Rei D. Manuel II — 2. S. M. o Rei Affonso XIII

O CORTEJO REAL PASSANDO NAS RUAS DE MADRID

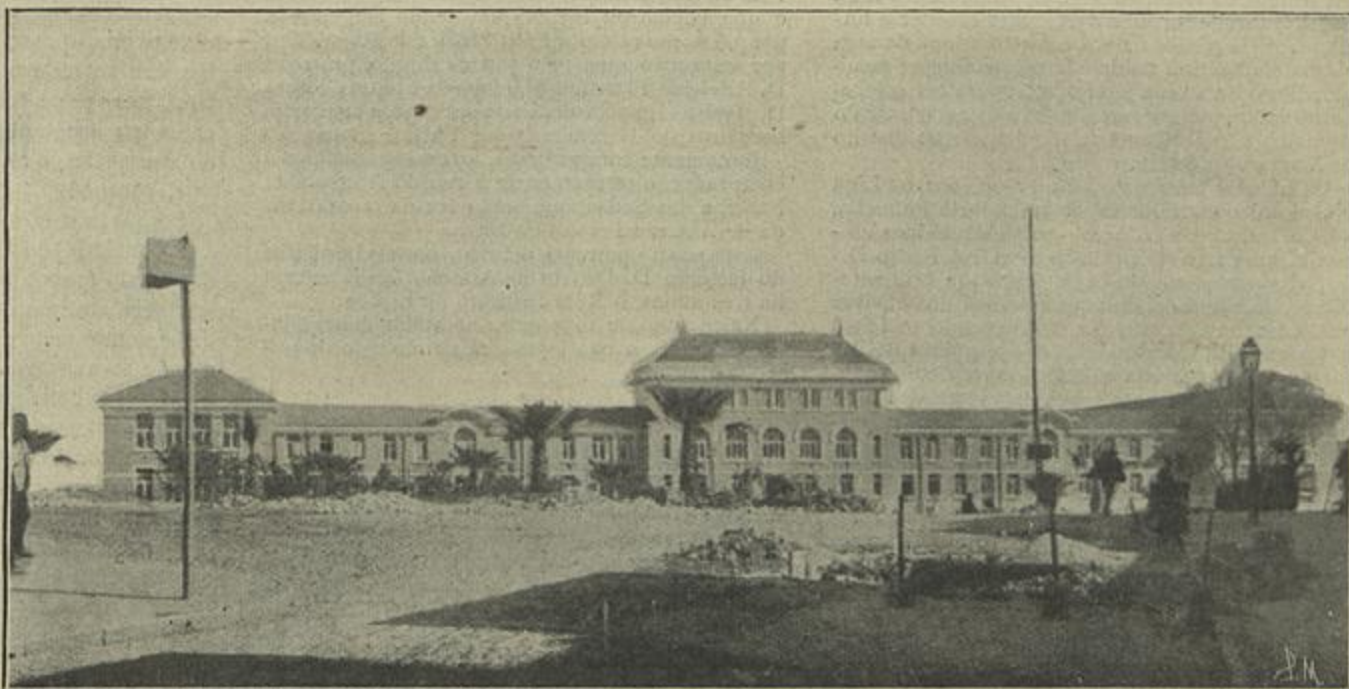


## Inauguração do novo Liceu «Camões»

lhores gymnasios lá de fóra. Um edificio modelado no genero, delineado pelo já bem conhecido arquiteto sr. Ventura Terra, que deu nisto mais uma prova da sua vasta competencia, como artista conhecedor de toda a construção moderna.

O edificio é formado por tres corpos ligados, um central e dois lateraes, por onde se dividem as diferentes aulas, bem arejadas e cheias de luz, que entra livremente pelas amplas janelas e enche de alegria as vastas salas, de modo que todos ali se pôdem sentir bem, muito especialmente nas aulas de desenho que recebem ainda mais luz, o que muito convém para este estudo. Tem magnificos halls, grande cantina escolar e banhos para alumnos.

No corpo central são as salas do conselho, no pavimento nobre; por



LICEU «CAMÕES» — FRENTE PRINCIPAL DO EDIFICIO



LICEU «CAMÕES» — FRENTE E LADO DO EDIFICIO

cima deste é a habitação do reitor.

Pelos corpos lateraes repartem-se as aulas destinadas aos alumnos da 1.<sup>a</sup> até 4.<sup>a</sup> classes, de um lado; do outro, as aulas dos alumnos de 5.<sup>a</sup> á 7.<sup>a</sup> classes, todas com a vastidão necessaria.

Além das aulas, tem o novo liceu, pateos para recreio dos alumnos, um grande gymnasio, piscina de natação, refeitório, uma lamedá arborizada onde pôdem fazer exercicios militares, etc.

Um receio, porém, nos colhe, qual é o da insuficiencia, para não dizer falta, que se nota de mobiliario proprio, instrumentos e aparelhos nos gabinetes de estudo e laboratorio. Estas faltas dizem que breve serão preenchidas, mas emquanto isso não chegar, não poderá o novo liceu corresponder cabalmente ao seu fim.

Por conta desses instrumentos e aparelhos tão necessarios ao ensino pratico, tem já installada uma maquina de projecções muito proveitosa no estudo das ciencias naturaes, como exemplifica-

ção e facilidade desses estudos.

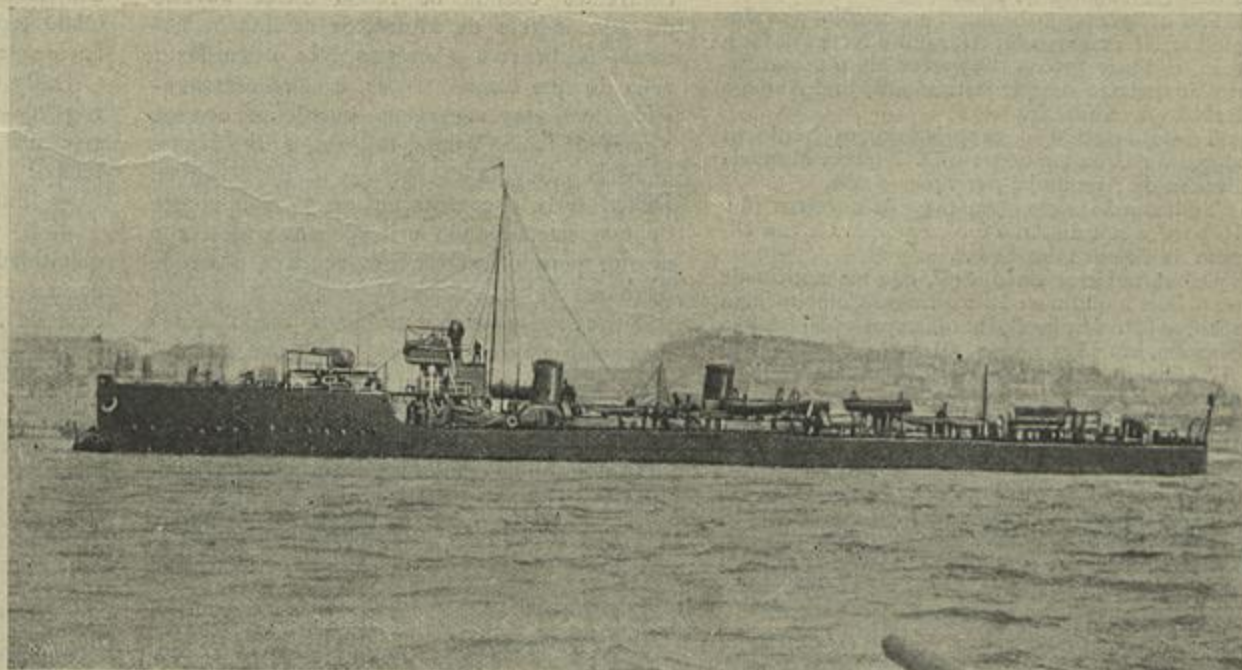
Que o novo liceu se complete e será produtivo o que já se gastou, de contrario continuar-se-á a espalhar dinheiro sem resultado.

A situação do novo liceu é magnifica, num ponto elevado da cidade e servindo a numerosa população que hoje se alastra por aquella parte norte de Lisboa, que para todos os lados se alarga de dia para dia.



## Navios da marinha de guerra brasileira, no Tejo

Tem estado no nosso porto os navios da marinha de guerra brasileira, cruzador *Benjamin Constant* e destroyres *Rio Grande do Norte* e *Parahyba*, todos belissimos bar-



NAVIOS DA MARINHA DE GUERRA BRASILEIRA, NO TEJO — O DESTROYER «PARAHYBA»



cos, sendo os dois ultimos novos, construidos em Inglaterra.

Recepção condigna acolheu em Lisboa os nossos irmãos da America do Sul, celebrando a Liga Naval Portugueza uma festa para receber a officialidade daquelles navios e fazer entrega de uma palma em bronze, modelada pelo eminente escultor Teixeira Lopes e oferecida para ser collocada no monumento comemorativo da catastrophe do *Aquidaban*, pelas camaras municipaes do distrito de Viana do Castelo.

Os officiaes brasileiros foram recebidos, na Liga Naval, actualmente instalada no palacio Palmella, ao Calhariz, pelo conselho geral, sendo-lhes oferecido uma taça de *champagne*. O sr. Pedro Diniz, vice-presidente da Liga, discursou brilhantemente, saudando o Brasil na pessoa dos officiaes presentes da sua armada, enaltecendo os feitos dessa gloriosa marinha na celebre guerra do Paraguay e quanto ella se estava agora engrandecendo com magnificos vasos de guerra dos mais modernos, como nação forte que não quer perder o dominio dos mares.

Ao digno vice-presidente da Liga, respondeu o sr. comandante do *Benjamin Constant*, falando ainda os srs. conselheiro Ayres de Ornellas e Almeida de Eça, que tambem fizeram brilhantes brindes, levantando-se por fim entusiasticos vivas ás marinhas brasileira e portugueza e á amizade entre as duas nações irmãs.



## A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

### CAPITULO XVIII

(Continuado do n.º 1111)

Falemos de outra casa nobre.

Esquinando para as ruas do Arco e da Fabrica das Sedas fica um predio, fronteiro á igreja de S. Mamede, com seis sacadas no primeiro andar, dois portões largos e, para a banda de traz, com um espaçoso jardim murado.

Já existia em 1762 e fôra construido, poucos annos apoz o terremoto, pelo Dezembargador Manuel José de Faria e Sousa em terrenos aforados por D. Rodrigo Antonio de Noronha.

Este Dezembargador, cavaleiro professo na Ordem de Christo, nascido e baptisado na freguezia do Socôrro, desta cidade de Lisboa, em 1716, era filho do dr. Diogo de Faria e Sousa, natural de Viana do Alemtejo, tambem cavaleiro de Christo, e de sua mulher D. Joanna de Faria e Sousa, de Lisboa. Era casado com D. Quiteria Maria Liberata de Almeida, natural desta cidade, filha de Carlos José de Almeida e de sua mulher D. Josefa Joana Theodora, ambos de Lisboa, e irmão do dr. Sebastião Leite de Faria, deputado da Inquisição de Evora. Fôra em tempo corregedor do crime do Bairro Alto e morava antes de construir esta casa na rua Larga de S. Roque. (1)

Nesse anno de 1762 vivia elle no andar nobre e alugava o rez do chão a um tal Francisco Bien-carde, e as lojas, que eram tres, a um doceiro e a dois mercadores de seda.

Em 1789 e 1790 habitava no predio, por aluguel, o Dezembargador Alexandre Nunes de Gusmão, e desde 1796 a 1803 viveu ahi o proprietario do palacio de que já tratámos, José Antonio Rebello de Andrade.

Tendo falecido o proprietario, os herdeiros alugaram o andar nobre a D. Thereza Manuela Pereira da Azambuja, por 240:000 réis.

Tinha então a casa (em 1810) os numeros 18 e 19 para a rua do Arco e o n.º 36 para a rua Direita da Fabrica das Sedas.

Os cartapácios da decima dão-me noticia de mais dois inquilinos: Pedro Lopes Calheiros, em 1820, e D. Maria Barbara, cujos apelidos não constam, em 1833 e 1834. (2)

O *Diario do Governo* de 14 de maio de 1838, insere o seguinte anuncio:

«Na tarde de 23 do corrente se hade arrematar na praça do deposito geral, uma propriedade de casas na rua Direita da Fabrica das Sedas, com quintal e jardim, n.º 33 e 34 e para a rua do Arco 41 e 43 e tem mais outra frente. Valor 4.000:000 réis. Foreiro em 57:600 com laudemio de Vintena.»

Já em 1830 se tinha anunciado a sua venda, (1) e nesse mesmo anno de 1838 já fôra tambem á praça sem que apparecesse comprador. Voltou em 1 de agosto, sem resultado, e só em 27 desse mês é que encontrou comprador, sendo arrematada por 3.600:000 réis, por Feliz Pereira de Magalhães, por execução que, pelo juiz de direito, promove D. Adelaide Pimentel Maldonado e outras contra D. Isabel Ignacia de Faria e Sousa e sua irmã, herdeiros do Dezembargador Faria e Sousa. (2)

Juntamente com as casas, arrematou tambem o comprador, o terreno entre a rua do Arco e a da Fabrica das Sedas, que então era da massa fallida de Antonio Pereira da Silva.

Este predio pertence actualmente aos herdeiros do falecido D. Duarte de Alarcão. Nelle esteve, ha tres annos, o Real Instituto de Lisboa.

Neste anno de 1909 mora no andar nobre Madame Peters e nas lojas está um collegio de primeiras letras.



O palacio do morgado da Alagôa é no extenso casarão em genuino estilo portuguez, com um rez do chão baixo, andar nobre e segundo andar, tendo 18 janellas para a rua da Escola e 11 para a rua das Fabricas das Sedas, terminando, para o lado do Rato, pelo corpo da ermida que lhe pertencia.

Foi edificado em 1757, por José Francisco da Cruz Alagôa, n'um terreno, subrogado por padões de Juro Real, com D. Rodrigo Antonio de Noronha. Posso marcar o anno da fundação por que n'uma avaliação, feita nessa data, de uma terra contigua, se diz ficar ella «por detrás das casas de José Francisco da Cruz e pega desde a esquina da obra nova que elle está fazendo na rua Direita e hade destrocer pela dita esquina até entestar com os muros dos quintaes das casas da rua de S. Bento.» (3)

Em 1762 já elle estava concluido. Nas onze lojas, que então tinha, estavam alojados dois loiceiros, um cabeleireiro, dois capelistas e dois mercadores de retroz. No andar nobre morava o senhorio e com elle o seu guarda-livros Estevam Lafontana, sete caixeiros e onze criados e criadas. Anselmo José da Cruz Sobral, seu irmão, habitava tambem em parte do andar e ali tambem tinha o seu guarda-livros, Paulo de Piate, tres caixeiros e sete criados e criadas. Tal era a população do palacio.

(Continua.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.



## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1111)

— Tu, Peter, levas a escada — disse eu. O caminho é mau e não me parece que encontremos comida no fundo d'este abysmo de 400 metros de altura. Se na ilha ha homens, em breve o saberemos. Não podem fazer mais do que assassinar-nos, e morrer assassinado tem suas vantagens quando se começa a padecer fome. Vamos, rapazes, e olho áleria.

Estas palavras encheram-n'os de coragem. Difficil seria encontrar um grupo mais alegre do que este, quando principiamos a descer o monte, porque a fome nos acoçava e a sede dava-nos valor.

Sitios perigosos que teriamos pisado cautelosamente n'outra occasião, salvavamos agora com uma temeridade espantosa. Para passarmos os abysmos estendiamos a escada e andavamos sobre ella como acrobatas.

O ninho que cinco dias antes nos tinha servido de refugio contra a gente da ilha, não nos reteve n'aquelle dia mais tempo que o indispensavel para lavarmos a cara no arroio

que passava perto do monte, e para bebermos uma pouca d'agua, que nos soube tão bem, que nos recordaremos d'ella até á morte.

Que deliciosa agua!

Mais do que o poderiam fazer palavras, nos deu ao mesmo tempo forças taes, que embora houvessem cem homens a tomar-nos o passo na montanha, creio que marchariamos da mesma maneira direitos ao bungalow.

E porque?

Porque iamós saber a verdade,

A curiosidade é uma espora que faz andar ainda mesmo que se tenha fome.

Havia no esporão da ilha, um sitio de perto de noventa metros de altura, sobre o valle, d'onde se avistava todo o interior.

Ali nos detivemos um momento, analysando detidamente o terreno até ao bosque, que tinhamos atravessado seis dias antes, em carreira vertiginosa, quando fugiamos aos habitantes da ilha.

O sol acabava de se esconder no occidente, e comquanto o crepusculo seja bastante curto na ilha de Ken, havia inda assim claridade sufficiente para podermos observar bem o caminho a seguir.

O que mais nos surpreendeu, foi não vermos o tal nevoeiro, de que o francez e o diario de Ruth nos falava.

E' certo que um vaporsito azulado parecia sair dos bosques, e formar umas ligeiras nuvens que se reuniam por sobre os terrenos mais pantanosos; mas nevoeiro propriamente dito, não se via.

Começou, porém, a sentir-se o ar um pouco pesado e difficil de respirar, e eu proprio, principiei a experimentar um certo entorpecimento nos sentidos sem saber explicar o motivo, levando-me a suppôr, que a tal época do somno não passava de um exaggero e em breve teriamos a prova da verdade, no que os meus companheiros concordaram commigo.

— Julgo que o tal nevoeiro, não será coisa de me atrazar a marcha — disse Peter Bligh, quando observavamos a ilha. — Pensar que um homem vae ficar sem comer nem beber, por causa d'essa nuvensita de fumo!... Ai, capitão! esta gente é muito simples e ainda crê em contos de fadas! Decididamente, comere-mos pato assado, depois do serão!...

Estas palavras deram-me uma certa coragem e Dolly Venn, que tinha a vista penetrante, observou uma coisa extranha.

— Já se não vê nada, capitão; eu pelo menos, não destingo nada — disse elle prudentemente. — Não ha luzes nas habitações!... Onde terá ido toda esta gente? E' extraordinario que não se veja ninguém!...

Dally tinha dito estas palavras como interrogando-nos, quando Seth Barker apontando com um dedo o recife, exclamou ao mesmo tempo:

— Illuminaram o mar, foi o que foi!...

— E' verdade! — retorquiu Peter. — E que quantidade de luminarias!... Se já se viu coisa semelhante!... Parece que ha festa em casa de Neptuno!...

(Continua.)

RICARDO DE SOUZA.



## NECROLOGIA

Francisco Rangel de Lima

Colheu-me de surpresa a noticia, que li nos jornaes de 31 de outubro, da morte de Rangel de Lima, avivando-me a memoria de bons tempos passados, em que o conheci e ficámos amigos.

A' entrada do antigo Chiado está uma casa de

(1) Habilitação para o Santo Officio do Desombargador Manuel José de Faria e Sousa — Processo 27-24 (Torre do Tombo).

(2) Livros da Decima, ja citados.

(1) *Gazeta* de 17-2-1830.

(2) *Diario do Governo* 1.º semestre de 1838, pags. 278, e mesmo jornal de 14-5-1838.

(3) Processo do Desembargo do Paço (Extremadura e Corte). Processo 1068-5 — Provisão de 23 de maio de 1757.



modas com os n.ºs 5 a 11 que pertenceu a José Gregório Barbosa, falecido ha uns 15 annos, se não mais. Era então a loja do Barbosa, assim lhe chamavam, centro de reunião de literatos e de artistas, onde, á noite, se comentavam os casos do dia, se discutia literatura e sobre tudo arte.

O Barbosa era o Mecenas um tanto platónico daquelle centro, no seu escriptorio, ao lado esquerdo, com divisoria de madeira, e onde á noite se apartava dos freguêses para receber as visitas, dando-lhe casa, cadeiras, luz e os seus sorrisos afaveis de satisfeito, quanto mais concorrido estava o centro. Elle rejubilava de ouvir discutir e de vez em quando entrava tambem nas discussões com o amor, o entusiasmo que tinha pelas coisas de arte em geral e pela arte portugêsa em particular.

A'quelle centro concorriam Thomaz da Fonseca, Victor Bastos, Annuniação, o pae Christino, Joaquim Pedro de Sousa, Gonçalves Pereira, Prieto, Zacharias d'Aça, José Rodrigues, Gomes de Amorim, Andrade Ferreira, Ferreira Chaves, Lupi. Nogueira da Silva, o pae Bordallo, Rangel de Lima e quantos mais já falecidos e outros ainda felizmente vivos, como Manuel de Macedo e o autor destas linhas, que me lembre agora.

Foi no centro da loja do Barbosa que eu conheci Rangel de Lima, ha uns quarenta annos. Era elle homem moço, no vigor da vida, mas calmo, ponderado, de fino espirito, em perfeita harmonia com o seu fisico, naturalmente grave com um toque aristocratico, atraente, que encantava á primeira aproximação, de uma simpatia irresistivel.

Rangel de Lima tinha então uns trinta annos — nasceu em Lisboa a 14 de abril de 1839 — mas já se lhe principiavam a branquear os cabelos, que em pouco tempo se fizeram todos alvos de neve, sem que isso o avelhentas-se e antes melhor parecesse, como um fidalgo da côrte de D. João V de cabeleira empoada.

E' que esse sinal de velhice era só nos cabelos; quanto ao espirito estava novo, vigoroso e repartia-se nas preocupações de seu cargo official, como funcionario publico dos mais prestantes; no culto da arte de pintura, de que foi amador distincto; e na literatura, que então cultivava com assiduidade, principiando pelo teatro, o genero mais difficil para se obter exito.

Comtudo, Rangel de Lima teve no teatro suas maiores glorias; suas peças correram, por assim dizer, todos os palcos portugêses e não foram poucos os originaes, como *A pedra de escandalo*; *A condessa de Freixial*; *Como se enganam mulheres*; *Casas, creados e agiotas*; *Vingança de mulher*; *Visão redentora*, de colaboração com Ferreira de Mesquita; *Legitimas consequencias*; *Antes do baile*; *Esperteza de rato*; *A minha viuva*; *Uma travessura*; *Abençoado progresso*; *Recordações de Mabile*; *Nem tanto ao mar...*; *Ao calçar das luyas*; *Feios e bantos*; *Meio seculo depois*; *Coimbra e tarimba*; além de traduções e de duas comedias de sala: *Os sustos* e *O calefrio*, proprias para creanças.

Na imprensa jornalística era, ha uns trinta annos, correspondente, em Lisboa, do *Comercio do Porto*, assim como do *Diario de Barcelona*, uma das folhas mais conceituadas em Espanha. Noutros jornaes e revistas colaborou, tendo honrado tambem o OCCIDENTE com seus escritos, e nestas publicações deixou apreciaveis trabalhos literarios e de critica de arte, com bom fundamento, que seu conceito era ouvido e acatado desde os tempos das discussões na loja do Barbosa.

Foi no meio dessas discussões que ali nasceu a ideia de fundar a Sociedade Promotora de Belas-Artes em Portugal, para que Rangel de Lima cooperou com vontade, sendo um dos mais entusiastas fundadores daquelle agremiação, que bastante contribuiu para o levantamento da arte.

Nas exposições daquelle sociedade se apresentou Rangel de Lima como amador, exhibindo

alguns quadros seus de genero e paisagem, muito apreciaveis.

Entregando-se depois mais a trabalhos literarios, foi convidado pela casa editora Roland & Semion para tomar a direção da revista *Artes e Letras*, fundada no anno de 1872 e que foi das revistas illustradas de mais brilho que tem havido no país, no que influiu superiormente a competencia e bom gosto de Rangel de Lima.

Foi por essa época que mais convivemos com elle, pois nos incumbiu de alguns trabalhos para as *Artes e Letras*, e melhor pudémos apreciar as suas bélas qualidades de character e superior illustração, conhecedor de arte antiga e moderna, sobre o que entretiamos agradaveis palestras de muita instrução e proveito.

A revista *Artes e Letras* teve pouca vida, apesar de toda a vontade de Rangel de Lima em

Rangel de Lima alguns conventos extintos no país, para proceder á escolha e inventario das obras de arte que nelles existiam.

Poucos poderiam tão cabalmente desempenhar esta comissão. Elle tinha viajado muito e visitado os melhores centros de arte de Espanha, França, Belgica, Italia, Holanda, Inglaterra e Suissa, educando seu espirito ante as obras primas dos Mestres que por lá viu.

Até aqui temos escrito do homem de letras e do grande amador de arte, que foi Rangel de Lima, seguramente a expressão mais pronuncia-da do seu espirito, da sua alma de artista.

Cumpre-nos, porém, referir ao funcionario publico, que não passou anonimo na burocracia.

Era empregado no ministerio da marinha, onde entrou como aspirante da repartição de contabilidade com a graduação de segundo tenente da armada, passando depois para a Direção Geral do Ultramar, foi promovido a segundo official em 1878 e, em 1883, a chefe, logar em que se aposentou ao cabo de quarenta annos de serviço (1).

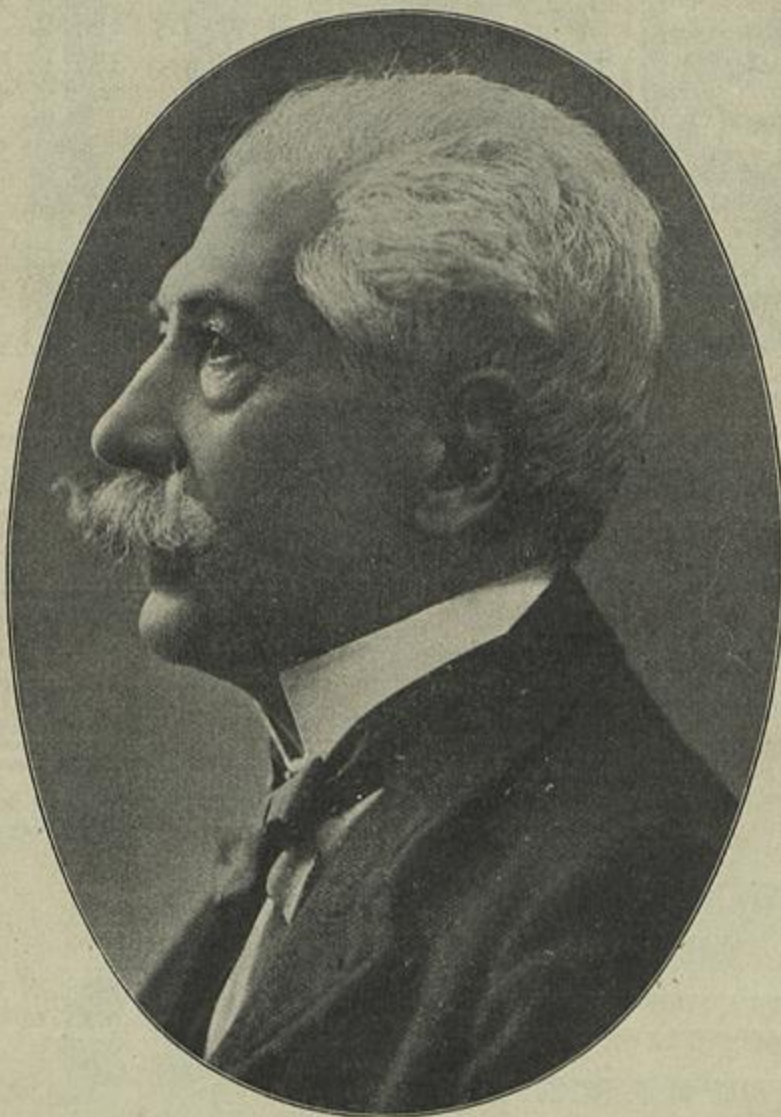
Foi secretario particular dos ministros da marinha Thomaz Ribeiro e Julio de Vilhena e deste estadista bem como de Lopo Vaz quando ministros da justiça.

Era primeiro official da secretaria da Bulla da Cruzada.

Conviveu com os homens mais importantes da governação do estado, de quem foi amigo e respeitador, mas nunca pendeu para a politica activa, embora tivesse sua afeição partidaria. Não se poude eximir tanto que, em 1896, não aceitasse a candidatura de deputado por Macau, mas terminado o mandato, não voltou ao parlamento.

Preferiu sempre os seus livros e sua arte com a qual se sentia bem, era este seu goso, com que foi util ás letras e artes portugêsas, que ora deploram a sua perda como a de um de seus mais lidimos cultores.

C. A.



FRANCISCO RANGEL DE LIMA

querer fazer uma publicação artistica a par das estrangeiras; faltavam-lhe, porém, recursos nacionaes, pois as artes graficas tinham ainda pouco desenvolvimento entre nós, e com gravuras importadas a revista carecia de character proprio que exprimisse o espirito nacional.

Veio depois a *Arte*, outra revista vasada nos mesmos moldes das *Artes e Letras*, de que foi director A. de Sousa Vasconcellos, a qual teve a mesma sorte da antecedente. Na *Arte* colaborou Rangel de Lima com certa assiduidade sob o pseudonimo de *Rapin*.

Rangel de Lima privou na intimidade do conde de Almedina e quando este amador das artes foi nomeado, em 1878, inspetor da Academia de Belas-Artes de Lisboa, quiz que o seu amigo o acompanhasse naquella comissão, pelo muito que confiava na sua competencia e bom conselho.

Quando, em 1884, Portugal foi convidado a concorrer á exposição de arte retrospectiva do Museu Kensington de Londres, Rangel de Lima foi com Alfredo de Andrade, em comissão official, acompanhar as obras de arte que o governo portugês ali mandou.

Com Alfredo de Andrade, esse grande artista portugês, mais conhecido e apreciado em Italia, onde vive ha muito, do que em Portugal, visitou

## Inauguração do Casal Catalã

Mais um estabelecimento commercial importante se inaugurou este mez em Lisboa, por iniciativa do sr. Americo Lopes de Oliveira, que sabe honrar a memoria de seu pae Bernardino Lopes de Oliveira, benemerito filho de Alcoçaba, a qual lhe deve seus maiores progressos.

O sr. Americo Lopes de Oliveira reúne ao seu genio empreendedor, uma vocação de artista manifestada em obras de amador e de que nos foi oferecida uma prova de um bello baixo relevo, reproduzido em pasta metalizada, representando o Admator, essa sublime fixação de Camões, com o verso:

*Por mares nunca de antes navegados*

Esta reprodução foi feita em Barcelona, numa das fabricas de que o *Casal Catalã* é representante em Lisboa.

E' justamente para a vulgarisação da arte e da industria catalã, que o sr. Americo Lopes de Oliveira, coadjuvado pelo publicista espanhol dr. Ribera y Rovira, de que o OCCIDENTE já em tempo se ocupou, fundou o *Casal Catalã*, nas lojas do esplendido predio, ha pouco construido no largo do Intendente.

E' de vêr a magnífica exposição que ali se apresenta de produtos da Catalunha que, pelo extraordinario progresso da sua arte e industrias, se pôde considerar a par dos centros produtores mais importantes.

Disto facilmente nos convencemos visitando a exposição do *Casal Catalã*, onde se encontram

(1) Respiço estas notas da *Enciclopedia Portuguesa Illustrada*.





EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS CATALÃES INAUGURADA NO «CASAL CATALÃ», NO LARGO DO INTENDENTE

materiaes de construção e de electricidade, maquinas para as industrias, incluindo a agricultura, tecidos em todos os generos, automoveis e utensilios correspondentes, faroes, maquinas tipograficas e litograficas e seus productos; pianos, orgãos, pianolas e outros instrumentos musicos. Productos quimicos, perfumarias, licôres, champagnes. Correaria, borracha, celuloide, amiento, armas de caça. Arte aplicada em joias, pintura decorativa, esculturas, emfim, uma profusão de artigos, alguns de grande novidade e de requintado gosto, que bem mostram a opulencia da arte e industria da Catalunha ali representadas.

E' esta uma exposição digna de se visitar, reunindo um mostuario variadissimo onde o publico encontra muito por onde escolher.

O sr. Americo Lopes de Oliveira, teve principalmente por fim o tornar conhecido do nosso publico os productos da Catalunha e assim concorrer para o estreitamento das relações commerciaes daquelle rica parte da Espanha com o nosso país, no que seguramente ha toda a vantagem, porque isso importa uma reciprocidade de interesses com que Portugal tambem tem a lucrar, como é facil prever.

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

**Extração dos dentes sem dor**

**Dentes artificiaes colocados sem placa**

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

## Cambios e Papeis de credito

### Vierling & C.<sup>a</sup>, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

—\* LISBOA \*

Endereço telegraphico - «STERLING».

## E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptizados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



### CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER

**FAZEMOS NASCER:**

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção



O genuino **MOOTCY** é o unico preparo para a barba e cabello que se produz, segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabelo e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** levado a felicidade. Homens notaveis e não notaveis, todos nós têm vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Pôde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabelo tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador

**300\$000 réis (trezentos mil réis)**

Para prevenção contrá as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes têm escripta a palavra **MOOTCY**. — Envia-se diariamente para todas as partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

**MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131**

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

**Ferreira & Ferreira, Successores**

99, Rua da Prata, 101 — LISBOA